



MODELO PARA ELABORAÇÃO E FORMATAÇÃO DO ARTIGO COMPLETO – RELATO DE EXPERIÊNCIA (FONTE 14)¹

João Victor Maciel de Souza²
Eduardo Gonçalves Brisola Teixeira³
Paulo Eduardo Dias de Mello⁴

RESUMO

O presente relato de experiência busca retratar as possibilidades educativas e seus resultados gerados a partir da integração de 3 projetos ocorridos concomitantemente no Colégio Estadual Regente Feijó, na cidade de Ponta Grossa, Paraná, sendo eles: PIBID, PIBIC-Jr e Museu Escolar Regente Feijó. O espaço da escola dedicado à existência de um museu escolar, com objetos de origem francesa datados da década de 1930, traz consigo a ideia de ensino de "lições de coisas", ou seja, o aprendizado ocorre através da observação. Para o desenvolvimento das atividades e desse relato, foi utilizado como base teórica o processo educativo de Paulo Freire através da pedagogia da autonomia; o conceito de museu escolar e lições de coisas por Francisco Adolfo Coelho e Émile Deyrolle; e por fim, os estudos sobre memória de Michael Pollak. Com isso, o Museu Regente Feijó atua como uma possibilidade de interação e desenvolvimento de atividades e propostas educativas com os alunos do ensino médio da instituição, tendo sido um espaço para visitas mediadas e produção de conhecimento em sala de aula, especialmente na matéria de história, que conta com um grupo PIBID em que alguns de seus integrantes fazem parte também da equipe coordenadora do museu e ativamente utilizam da relação entre essas duas fontes para a produção de conhecimento e aprendizado dos alunos, que demonstram interesse pelo museu por estarem inseridos na memória da escola através de um sentimento de pertencimento e identidade. Ademais, o Museu Regente Feijó conta também com 8 alunos de PIBIC-Jr que participam das atividades de catalogação, higienização, mediação e organização do acervo, sendo produtores ativos na manutenção do espaço e da permanência dele no espaço escolar, supervisionadas por alunos de PIBID, garantindo uma integração entre os 3 eixos apresentados.

Palavras-chave: Memória, Educação, Integração, PIBID, Museu Escolar.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, 23001389@uepg.br;

² Graduando pelo Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, 24009689@uepg.br;

³ Doutor em Educação pela USP; Professor do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG, paulodemello@uepg.br;

⁴ Artigo explicitando os resultados de uma coletânea de projetos: PIBID/CNPq; Projeto de Extensão Museu Escolar Regente Feijó/UEPG; Projeto de PIBIC-Jr Museu Escolar Regente Feijó/Fundação Araucária.



Presente no Colégio Estadual Regente Feijó, na cidade de Ponta Grossa, Paraná, o Museu Escolar Regente Feijó atua como um espaço de visitação e aprendizado histórico e educacional, aberto ao público externo e também a visitas de turmas da instituição, ambas sendo agendadas antecipadamente.

A organização das visitas e mediações, fica a cargo da coordenadoria do museu, somada ao auxílio dos alunos de graduação supervisores participantes do PIBID, os quais também orientam alunos de PIBIC-Jr que participam ativamente de todas as atividades realizadas no museu, incluindo higienização, catalogação, divulgação e mediação.

Através da interligação dos 3 eixos, o espaço do museu consegue garantir um modelo de atividades e aprendizado único, pois proporciona desenvolvimento, notoriedade e capacitação técnica tanto para o instituição, quanto para os participantes do projeto. Por isso, o seguinte trabalho busca apresentar um relato das atividades realizadas que integram esses eixos, discutindo as possibilidades futuras do projeto. Para isso, será utilizado como base o livro “Ensino de História: Fundamentos de Métodos” de Circe Bittencourt.

Inicialmente, o Colégio Regente Feijó funcionava em outro edifício, localizado onde atualmente é o Centro de Cultura de Ponta Grossa, a poucas quadras da sede atual, cuja foi construída para sediar a Escola Normal de Ponta Grossa, a qual foi escolhida juntamente com a cidade de Curitiba e Paranaguá por representarem as 3 localidades com maior desenvolvimento e população do Paraná, sendo essas as três primeiras Escolas Normais do estado. Essa iniciativa representou, na região, a concretização do Projeto de Educação Nacional Liberal, que segundo a Professora Doutora Maria Isabel Moura Nascimento (2008), “mesmo com as contradições próprias de uma sociedade que tinha a predominância de imigrantes, originários de diversas nacionalidades, além dos interesses de uma sociedade capitalista emergente”⁵.

Vale ressaltar também, que cada cidade escolhida simboliza um espaço de crescimento populacional diferente: primeiro Paranaguá surge com as habitações do litoral, seguido de Curitiba com o início do adentramento no território, e por fim Ponta Grossa na área mais interiorana e norte, visto que na década de 1920, cidades como Londrina e Maringá não estavam propriamente formadas.

⁵FERREIRA, A. R.; MELLO, P. E. D. de. (2021). Museu e arquivo escolar: Práticas e reflexões a partir de uma experiência no Colégio Regente Feijó em Ponta Grossa, PR. In I. F. de S. Bragança, A. C. Koyama, I. Parrela, & G. do V. T. Prado (Eds.), *Memórias, narrativas e suas linguagens: Arquivos, mídias e educação para outros devires*, 119-136. FE/Unicamp. Campinas.



A partir de um modelo de ensino que visava uma “modernização” e “europeização” da educação e diversos outros setores da sociedade, a Escola Normal, na década de 1930, adotou o método de ensino chamado Lições de Coisas, as quais foram popularizadas por Ferdinand Buisson⁶, importante figura na educação francesa e européia. Este método, popularizado na Europa, propõe que a educação deve começar com a experiência direta e a observação dos objetos, antes de se passar para a abstração e a verbalização. O objetivo é despertar a curiosidade das crianças e desenvolver suas habilidades de observação e análise.

Para isso, o governo do Estado propôs a compra de diversos objetos pedagógicos destinados às 3 escolas, sendo colocados em uso e dispersados dentro dos espaços em salas temáticas, nas quais os alunos se deslocavam de uma a outra ao final de cada aula, e utilizavam dos objetos como fontes de análise e aprendizado. Essa proposta de objetos em sala, advém da Europa, no qual diversos países aderiram a esse modelo no começo do século XX e finais do século XIX.

Adolfo Coelho, fundador do Museu Pedagógico de Lisboa, ressalta que esse tipo de modelo educacional constituía um suporte fundamental do ensino ativo, inscrevendo-se a sua criação no processo de renovação educativa que ele defendia⁷, ou seja, era um rompimento com a percepção tradicional de ensino, pois não buscava um aprendizado passivo.

Esses objetos vieram da empresa Deyrolle, na França, uma das maiores produtoras de materiais pedagógicos da proposta de Lições de Coisas. Essa empresa possui origem na família Deyrolle, possuindo uma longa trajetória de naturalistas desde finais do século XVIII, sendo Émile Deyrolle, aquele que populariza esse modelo educacional e busca uma internacionalização do mesmo, montando - dentre diversas outras - uma coleção própria para as Américas, com traduções em espanhol e português, e com um catálogo vasto, contendo animais taxidermizados, modelos anatômicos, objetos de física e química, e placas didáticas sobre animais e plantas, sendo esses objetos que compõem a grande maioria do acervo do Museu Escolar Regente Feijó.

É a partir dessa coletânea de objetos, que se baseia toda a proposta educativa do museu, sendo a partir deles, e da concepção de Lições de Coisas, que se estabelece uma ligação de aprendizado entre os alunos da instituição - que visitam o espaço com certa frequência - com as mediações e montagens de exposições dos alunos de PIBID e PIBIC-Jr.

METODOLOGIA

6 Pollak, M. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, 2(3), 200-212, 2019.

7 FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



A proposta de um Museu Escolar no Colégio Estadual Regente Feijó surgiu a partir do ano de 2016, com a coordenação dos professores universitários Angela Ribeiro Ferreira e Paulo Eduardo Dias de Mello, através de uma parceria entre a Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG - e o CERF.

Nessa primeira montagem, o projeto contou com a participação tanto de estudantes da graduação, quanto alunos do próprio colégio, e enfrentou diversas dificuldades especialmente com a pandemia, que dificultou a continuidade das atividades. Em seu relato “Museu e Arquivo Escolar: Práticas e reflexões a partir de uma experiência no Colégio Regente Feijó em Ponta Grossa/PR”, Ferreira e Mello (2021) ressaltam:

Em 2017, o colégio completaria 90 anos, e, por ocasião da efeméride, a direção da escola propôs a criação de um museu escolar, cuja inauguração deveria marcar a data. O museu surgiu, assim, como uma “demanda de memória” da escola, como expressão e ato celebrativo de sua “história”. (F. M, 2021)⁸

Através desse contexto, percebe-se a necessidade da própria comunidade, tanto escolar quanto da cidade em geral, de possuir um espaço aberto à visitação que dialogue com a memória e história da instituição, garantindo um espaço de diálogo e construção conjunta do saber histórico educacional da instituição.

Diante disso, a montagem do museu contou com uma catalogação dos objetos, somado a higienização, fotografia e estruturação de exposições, que ao ser inaugurado no ano de 2021, teve apenas um breve período de funcionamento, pois, infelizmente, por motivos de solicitação de salas para computadores pela SEED, o colégio foi obrigado a ceder algum espaço da instituição para a montagem de um laboratório de informática, e diante de uma reorganização das salas da instituição, o museu foi totalmente desmontado e todos os seus materiais foram colocados em uma sala do porão.

A partir desse desmanche, o museu ficou inativo por 2 anos. Contudo, uma nova edição foi iniciada no ano de 2023 através de uma iniciativa de PIBIC-Jr, coordenada pelo professor Paulo Eduardo Dias de Mello, onde 3 alunos - dois sendo da instituição - começaram um trabalho de re-catalogação dos objetos presentes no museu através de fotografias, além de uma catalogação e organização temática do acervo fotográfico do museu, com um total de 217 fotos, tanto do colégio, quanto da cidade, dos funcionários e também dos alunos.

⁸Coelho, A.. **O ensino primário superior**. Lisboa: Imprensa de Lucas Evangelista Torres. Diário de Notícias. Lisboa, p. 1, 1892.



Vale ressaltar que esse grupo de alunos foi auxiliado por dois alunos da graduação em licenciatura em história pela UEPG, participantes do PIBID - um deles autor deste trabalho - sendo isso o primeiro espaço de interação entre os 3 eixos abordados. Além disso, cada PIBIC-Jr recebeu um determinado tema para se aprofundar: as fotografias do Colégio; o acervo material; o acervo documental.

Após a finalização desse projeto de PIBIC-Jr, no final de 2024 uma nova leva de alunos foram inseridos, novamente acompanhados pelos mesmos alunos da graduação e alguns outros. Esse grupo por sua vez tinha um outro objetivo um pouco mais ganancioso: reabrir o Museu Escolar Regente Feijó, catalogando, higienizando e reestruturando todas as propostas de exposições.

Diante desse desafio, as atividades consistiram, primeiramente, pela higienização de cada um dos objetos, os quais eram retirados de uma enorme pilha de sujeira e realocados para seu local designado na reserva técnica. Foi nesse período, durante a montagem e organização do espaço, que foram organizadas as primeiras exposições nos corredores da escola em dois expositores, com temática de “Adivinhe o objeto”.

A partir dessa proposta, os alunos podiam colocar em uma caixa alguns papéis em que tentavam acertar o que eram os objetos expostos, algo que resultou em mais de 100 tentativas de respostas, nas quais os ganhadores puderam receber uma premiação. O importante de comentar esse acontecimento aqui, se dá por ele ser o primeiro momento em que o Colégio passa a verdadeiramente conhecer a existência do museu e do projeto, sendo o ponto de partida para o desenvolvimento das propostas de mediação e visitação ao espaço, sendo tudo isso, montado em conjunto com os alunos de PIBIC-jr e outros alunos voluntários.

A seguir, com a quase finalização da higienização dos objetos do museu, começou-se a ser organizado, na sala onde esses objetos estavam, uma mini sala de aula, que atua como uma réplica de uma sala de aula da década de 1930, e em seguida, monta-se também outras exposições no restante do espaço, sendo elas: máquinas de escrever; objetos midiáticos; fotografias do Colégio; esportes. Cada uma delas conta com uma proposta de diálogo e interação com algo presente na memória e cotidiano tanto dos alunos, quanto de visitantes externos, grande parte já tendo estudado na instituição.

De acordo com Pollak (1992) a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes⁹. Por isso, o conceito de 9 Afirmção por Fernando Magalhães em: MAGALHÃES, F. Ferdinand Buisson e a emergência dos museus pedagógicos: Pistas de um movimento transnacional, século XIX. *Revista Museologia e Patrimônio*, vol.5., Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, Portugal. p. 211-235, set. 2021.





memória e sua relação com identidade e pertencimento foi crucial para a estruturação da narrativa expositiva do espaço, que busca atingir uma identificação e contato com o público através da forma em que esses indivíduos, seja coletivamente ou não, tiveram ou ainda tem, relações e práticas sociais com o espaço e com o acervo.

Por fim, a partir do mês de agosto de 2025, um novo grupo de PIBIC-Jrs foi selecionado para participar do projeto, contando com 5 integrantes, que foram inseridos no início da inauguração do espaço, e logo participando das mediações e visitas ao museu.

REFERENCIAL TEÓRICO

Foi utilizado como referencial teórico para o desenvolvimento da pesquisa, a relação de memória, patrimônio e identidade discutida por Michael Pollak; o conceito de Museu Escolar proposto por Francisco Adolfo Coelho e também o modelo de Lições de Coisas desenvolvido por Émile Deyrolle, além da compreensão do modelo de educação através da ótica de controle e adestramento proposta por Foucault. Para entender a história do Colégio, utilizou-se também da pesquisa de Maria Isabel Moura Nascimento, e em relação ao Museu Escolar Regente Feijó, utilizou-se do trabalho “Museu e arquivo escolar: Práticas e reflexões a partir de uma experiência no Colégio Regente Feijó em Ponta Grossa”, no qual um dos autores é o orientador dessa pesquisa e também de todas as vertentes analisadas aqui - PIBID, PIBIC-Jr e Museu Escolar Regente Feijó.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades do PIBID no Colégio Regente Feijó estão divididas em duas vertentes: acompanhar as aulas com a professora Maria Antonia Marçal e em duas dessas aulas a cada mês, ministrá-las com a supervisão da professora, tendo uma interatividade grande em sala de aula com os alunos. Durante a semana os pibidianos foram divididos em dois dias, terça e quarta, para acompanhar, e quando necessário, auxiliar algum aluno com dificuldade durante as aulas. Além dessa divisão, todo mês é sorteada uma turma cujo o pibidiano ficará responsável por ministrar, sendo que em uma delas, é feita uma atividade desenvolvida pelo próprio pibidiano. Essa atividade pode ser em qualquer ambiente do Colégio: tanto os laboratórios - para utilizar os computadores - quanto o museu - para relacionar os objetos com o conteúdo da aula.

Algumas semanas após a inauguração do museu, todas as turmas em que os pibidianos



lecionam foram levadas para conhecer o acervo e as exposições, através de mediações conjuntas entre a supervisão do museu - composta por 3 pibidianos - e os alunos de PIBIC-Jr. Cada mediação dura em torno de 40 minutos, desconsiderando o tempo de deslocamento dos alunos e apresentação da equipe do museu em sala de aula, espaço em que se é passado algumas informações a respeito da forma que ocorrerá a visita e também regras, como não encostar nos objetos e não levar garrafa de água para evitar riscos de prejudicar algum documento.

Diante do espaço pequeno do museu, a equipe optou por colocar um máximo de 15 visitantes por horário (30 minutos), entretanto, as visitas de turmas precisam sofrer algumas adaptações em comparação com as visitas externas. A primeira delas é justamente a divisão da turma em dois grupos, no qual um deles é direcionado para o museu, e o outro faz um pequeno tour no colégio, com foco na fachada da instituição.

Nesse tour, aprofundamos alguns aspectos da arquitetura do lugar; a relação estabelecida entre o colégio e a cidade; e também as permanências e alterações do prédio ao longo dos anos e das diferentes demandas educacionais, enfatizando principalmente uma comparação entre a construção original - de caráter engrandecedor e com influência do higienismo - e o anexo do prédio, já mais recente e com modelo arquitetônico mais voltado para os dias atuais, contendo salas com menos janelas, mais enclausuradas e com pouco contato externo, justamente para reduzir a relação que se estabelece entre a escola e seu aprendizado, com o meio social que os sujeitos vivem e se relacionam, tal qual Foucault ressalta como sendo uma forma de controle e adestramento dos corpos:

[...] nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. (FOUCAULT, p.119)¹⁰.

Até o presente momento, diversas visitas de turmas foram levadas ao museu, entre elas turmas que o PIBID História atua. Grande parte delas, são turmas que nunca tinham sequer visto o museu, e justamente por isso, a visita foi focada em um panorama geral do espaço somado ao tour pelo colégio, já comentado anteriormente. A proposta é justamente que essas turmas retornem ao museu para receberem aulas específicas e direcionadas com o conteúdo

10 NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **A primeira escola de professores dos Campos Gerais - PR.** 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.



que o professor busca trabalhar com as turmas, relacionando o visto em sala de aula com o acervo do museu, seja através dos objetos ou das fotografias.

IX Seminário Nacional do PIBID

Como exemplo, uma turma do 3º ano do ensino médio do período da tarde, recebeu uma visita mais direcionada justamente pela professora solicitar uma explicação mais detalhada - com duas aulas de duração - e com o objetivo de discutir a relação econômica que o colégio se insere, na indústria escolar, além de ressaltar as alterações da cidade em decorrência da construção do prédio, e também o impacto dos desfiles cívicos para a construção de um imaginário do Colégio Regente Feijó.

Durante as mediações no período da tarde, os alunos de PIBIC-Jr, no seu contraturno, auxiliam os pibidianos nas mediações, sempre com a supervisão de, no mínimo, um deles. Além dessa atividade, esses alunos possuem uma voz ativa nas decisões do museu, tanto na montagem de exposições como nas ideias de divulgação e na forma de construção do conhecimento histórico-educativo presente no espaço escolar, que fortalece a relação de memória e pertencimento, garantindo um espaço que o desenvolvido no museu tenha sentido e importância para os alunos da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, percebe-se que as mediações atuam como uma forma de inserção e comunicação entre as vertentes aqui analisadas. Primeiramente, é através delas que o MERF ganha sentido de existência, pois é o principal local de diálogo e divulgação do desenvolvido internamente, tanto no sentido de pesquisas quanto também da própria organização e montagem do espaço.

Entretanto, esse museu não existiria e muito menos teria sido desenvolvido caso não houvesse o projeto de PIBID no qual os alunos supervisores do museu estão envolvidos, seja por uma questão mais prática de falta de voluntariado e fomento ao desenvolvimento do projeto, quanto também a abordagem que se cria entre o espaço e a instituição, onde justamente por haver uma relação maior entre os supervisores do museu com os alunos, a abordagem e convívio entre essas diferentes instâncias é mais fortalecida.

Já os alunos de PIBIC-Jr são justamente o ponto central de todo o trabalho, pois foi a partir de uma iniciativa de PIBIC-Jr que o museu passou por sua reestruturação e reinauguração e é a partir da voz desses sujeitos que o museu ganha sua personalidade e características, tanto de trabalho quanto para a comunidade externa e interna.





A participação desses alunos garante um desenvolvimento intelectual e histórico, atuando como formadores do projeto e adquirindo com isso um aprendizado único e extremamente enriquecedor. Sendo assim, o Museu Escolar Regente Feijó adquire a característica de ser um espaço extremamente particular e único na forma que se estrutura e dialoga com a comunidade, pois atua como museu, entretanto por fazer parte da cultura escolar e convívio social do Colégio Estadual Regente Feijó, passa a ter um caráter educacional maior que um museu comum.

O esperado a partir disso, é que o museu fortaleça ainda mais sua presença e seu caráter de espaço de aprendizado dos alunos, se desvinculando da ideia de local exótico, e passando a ser mais ligado às disciplinas e ao próprio colégio. Espera-se também, que com o decorrer do tempo e da divulgação, o museu adquira mais estrutura e auxílio, de uma forma que o risco e ameaças de desaparecimento do projeto se tornem menos constantes, mesmo que esse tipo de risco não é individual do museu, mas sim, de diversos setores de ciências humanas no Brasil, algo que escancara ainda mais a necessidade de incentivo e defesa para o aprendizado histórico crítico na sociedade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Paulo Eduardo Dias de Mello e à professora Angela Ribeiro Ferreira por todo o incentivo, apoio e confiança para o desenvolvimento do projeto. Também agradeço aqui aos alunos de PIBIC-Jr que transformaram o projeto em algo único e extremamente divertido, visto que não haveria museu sem eles. Por fim agradeço a professora Maria Antônia Marçal pelas orientações no PIBID e também a toda comunidade escolar que vê o museu como um espaço necessário para o colégio e para a cidade.

REFERÊNCIAS

BARROSO, João. Cultura, Cultura Escolar, Cultura da Escola. **Princípios Gerais da Administração Escolar.** UNESP. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/65262/1/u1_d26_v1_t06.pdf. Acesso em: 11 out. 2025.

BROGLIE, Louis Albert de. **A Parisian Cabinet of Curiosities: Deyrolle.** Flammarion: Paris, 2017.



DEROUET, Jean Louis. O funcionamento dos estabelecimentos de ensino em França: um objeto científico em redefinição. In: BARROSO, João (Org.). **O Estudo da Escola. Porto:** Porto Editora, 1996.

A ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS

IX Seminário Nacional do PIBID

FERREIRA, A. R.; MELLO, P. E. D. de. Museu e arquivo escolar: Práticas e reflexões a partir de uma experiência no Colégio Regente Feijó em Ponta Grossa, PR. In I. F. de S. Bragança, A. C. Koyama, I. Parrela, & G. do V. T. Prado (Eds.), **Memórias, narrativas e suas linguagens: Arquivos, mídias e educação para outros devires**, 119-136. FE/Unicamp. Campinas, 2021. Disponível em: <http://arquivistica.fci.unb.br/au/museu-e-arquivo-escolar-praticas-e-reflexoes-a-partir-de-uma-experiencia-no-colegio-regente-feijo-em-ponta-grossa-pr/>. Acesso em: 26 set. 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, 1, jan./jun., 1-35. Tradução de Gizele de Souza, 2001.

MAGALHÃES, Fernando. Ferdinand Buisson e a emergência dos museus pedagógicos: Pistas de um movimento transnacional, século XIX. **Revista Museologia e Patrimônio**, vol.5, Instituto Politécnico de Leiria, Leiria, Portugal. p. 211-235. set. 2021.

MOGARRO, Maria João. O Museu Pedagógico Municipal de Lisboa (Portugal, 1883-1933): Percurso e significado de uma instituição renovadora. **Cadernos de História da Educação**, v.21, p.1 - 22, e103, 2022. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/che/article/view/65790/33911>. Acesso em: 11 out. 2025.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **A primeira escola de professores dos Campos Gerais - PR**. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, 2(3), 200-212, 1989. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 01 out. 2025.

OLIVEIRA, L. C. V. Cultura escolar: Revisando conceitos. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v.19 (n.2), 291-303, 2003.